

## DEDICATÓRIAS MANUSCRITAS: MARCA DE PROVENIÊNCIA, FONTE E OBJETO DE PESQUISA<sup>1</sup>

**Resumo:** A relação entre indivíduos e sociedade pode se manifestar mediante dedicatórias. É possível, por intermédio da leitura da dedicatória, reconstruir, mesmo que de forma fragmentária, o passado. Mostrar que o conjunto dos elementos que compõem as dedicatórias manuscritas constitui uma marca de proveniência, pois identifica procedência (dedicador), destino (dedicatário) e itinerário (data e local). É o objetivo deste artigo. Adotou-se a pesquisa documental para analisar as dedicatórias que constam em livros da Biblioteca particular de Manuel Bandeira integrante do acervo da Academia Brasileira de Letras. Conclui-se que a afirmação de que “muito tesouro é salvo” nas bibliotecas particulares passa a ter outro significado quando se leva em conta as dedicatórias nelas presentes. A dedicatória manuscrita é um veículo de comunicação que oferece pistas sobre os leitores que se formam em torno de uma determinada personalidade. Adverte-se que as dedicatórias manuscritas podem forjar relações pessoais, portanto, é preciso ter um olhar crítico no processo de análise das dedicatórias, uma vez que elas geralmente apresentam um tom laudatório e utilizam uma retórica elogiosa.

**Palavras-chave:** Dedicatórias. Bandeira, Manuel (1886-1968). Bibliotecas particulares. Rede de sociabilidade.

**Stefanie Cavalcanti Freire**  
Doutoranda em História  
UNIRIO/UERJ  
orcid 0000-0002-3568-6490  
[stefaniefreire@gmail.com](mailto:stefaniefreire@gmail.com)

## HANDWRITTEN DEDICATIONS: PROVENANCE, SOURCE AND OBJECT OF RESEARCH

**Abstract:** The relationship between individuals and society can manifest itself through dedications. It is possible, through the reading of the dedication, to reconstruct, even if in a fragmentary way, the past. Show that the set of elements that compose the handwritten dedications constitutes a mark of provenance, since it identifies origin (dedicator), destination (dedicatee) and itinerary (date and place). This is the aim of this paper. Documentary research was adopted to analyze the dedications found in books from Manuel Bandeira's private library, part of the collection of the Brazilian Academy of Letters. We conclude that the statement that “much treasure is saved” in private libraries takes on a different meaning when we consider the dedications found therein. The handwritten dedication is a communication vehicle that offers clues on the readers that are formed around a certain personality. We warn that handwritten dedications can forge personal relationships, therefore, a critical eye must be taken in the process of analyzing dedications, since they usually present a laudatory tone and use a flattering rhetoric.

**Keywords:** Dedications. Bandeira, Manuel (1886-1968). Private libraries. Sociability network.

---

<sup>1</sup> Este artigo é um recorte da dissertação de mestrado intitulada “Dedicatórias manuscritas: relações de poder, afeto e sociabilidade na biblioteca de Manuel Bandeira” defendida em 2013, no Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO).

## 1 INTRODUÇÃO

A dedicatória manuscrita é uma ferramenta capaz de revelar enlaces que podem favorecer o estudo da história do livro, das bibliotecas e das trajetórias de seus proprietários. Independentemente de quem a elaborou e/ou recebeu, a dedicatória manuscrita tem um valor histórico único e insubstituível, pois é capaz de representar o contato e as trocas sociais realizadas entre o dedicador e o dedicatário<sup>2</sup>. Quando reunidas em uma biblioteca particular, as dedicatórias podem ser analisadas como objetos de práticas simbólicas capazes de auxiliar, juntamente com outros documentos, como diários, cartas, autobiografias e biografias, a construção de redes de sociabilidades e relações de poder.

Neste artigo, temos como objetivo mostrar que o conjunto dos elementos que compõem as dedicatórias manuscritas constitui uma marca de proveniência, pois identifica procedência (dedicador), destino (dedicatário) e itinerário (data e local). As dedicatórias são códigos sociais que se processam em torno do livro, portanto, são fontes e objetos de investigação, pois oferecem ao pesquisador um “testemunho precioso de uma época” (LE GOFF, 1990, p. 85). A relação entre indivíduos e sociedade pode se manifestar mediante dedicatórias. É possível, por intermédio da leitura da dedicatória, reconstruir, mesmo que de forma fragmentária, o passado. Quando lemos uma dedicatória, podemos fazer uma relação entre o passado e o presente. É como se o tempo fosse congelado por um instante, o que nos permite, de alguma forma, que ele seja lembrado.

Edward Hallett Carr às vésperas da Segunda Guerra Mundial dedicou “Vinte Anos de Crise: 1919-1939” “Aos construtores da Paz Vindoura”. Naquela época, já estava claro para observadores europeus (como Carr, que participara, como jovem diplomata, da negociação de paz da Primeira Guerra Mundial em Versalles e da criação da Liga das Nações) que haveria outra guerra. Não se sabia a proporção da guerra, mas que um novo conflito em breve ocorreria. Em vista dos fatos que em sua visão estavam levando a Europa para uma nova guerra, Carr escreveu sua obra (que tem a rara característica de ser ao mesmo tempo teórica e fonte primária da história) para analisar os erros e equívocos da última negociação de paz e as falhas da Liga das Nações que conduziriam a Europa para os acontecimentos beligerantes de 1939. Dessa forma, o então ex-diplomata dedicou seu livro “Aos construtores da Paz

---

<sup>2</sup> Dedicatário significa “pessoa ou pessoas a quem é dedicada uma obra” (FARIA; PERICÃO, 2008, p. 224).

Vindoura”. O breve e contundente texto, de certa forma, pode ser entendido como um conselho e alerta: construtores da futura paz, aprendam com os equívocos de Versalles; não os repitam quando forem negociar os novos acordos de paz. A dedicatória não é apenas uma fórmula protocolar de registro, é possível, mediante sua análise situar uma pessoa no seu tempo e espaço, como é o caso da dedicatória oferecida por Carr.

Tanto no livro manuscrito quanto no impresso, a dedicatória ocupou espaço próprio, destinado a oferta da obra aos monarcas, membros da família real, ou personagens ilustres da nobreza ou do clero. No livro manuscrito, a dedicatória poderia ser uma imagem primorosa que circulava nos frontispícios dos livros, retratava o dedicador ajoelhado, oferecendo ao príncipe, sentado ao trono, sua obra, como pode ser visto na **figura 1**, a seguir:

**Figura 1** - Um autor oferece ao rei um exemplar de seu livro.



Fonte: Paris, BnF, département des Manuscrits, Français 8266, fol. 393v.<sup>3</sup>

A dedicatória ilustrada não era apenas uma “simples” decoração e ornamentação da edição do exemplar; era um elogio público em forma de imagem, carregado de um jogo simbólico de manifestação de poder, riqueza e sabedoria. A dedicatória era a representação de

<sup>3</sup> Disponível em: <http://expositions.bnf.fr/fouquet/reperes/32/index32e.htm>. Acesso em: 18 de out. 2021.

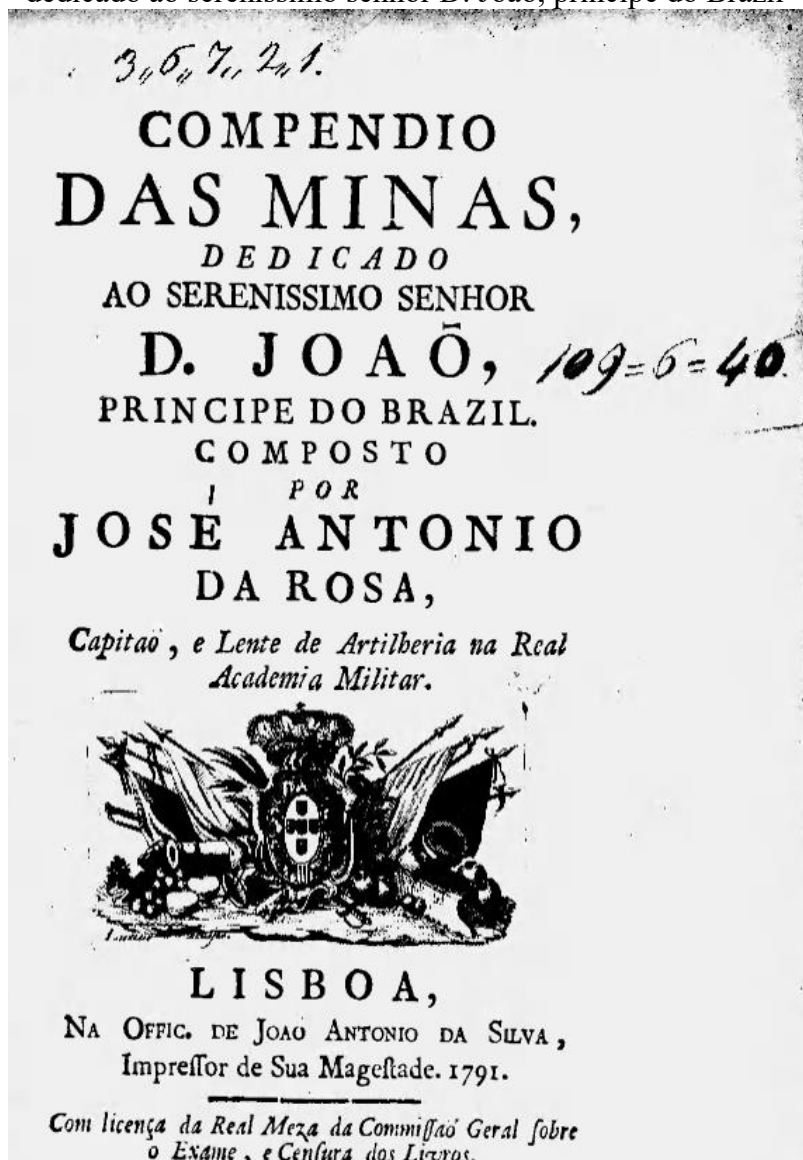
uma cerimônia que assinalava o reconhecimento e a submissão do dedicador perante o soberano – um ato que conferia ao rei seu valor nominal.

No livro impresso, a dedicatória se manifestava em forma de texto quase sempre padronizado; este circulava tanto na página de rosto, na qual o autor fazia uma breve menção ao homenageado, ou imediatamente a folha que a sucede, conforme podemos observar nas **figuras 2 e 3** do livro *Compendio das minas, dedicado ao serenissimo senhor D. João, principe do Brazil*<sup>4</sup>.

---

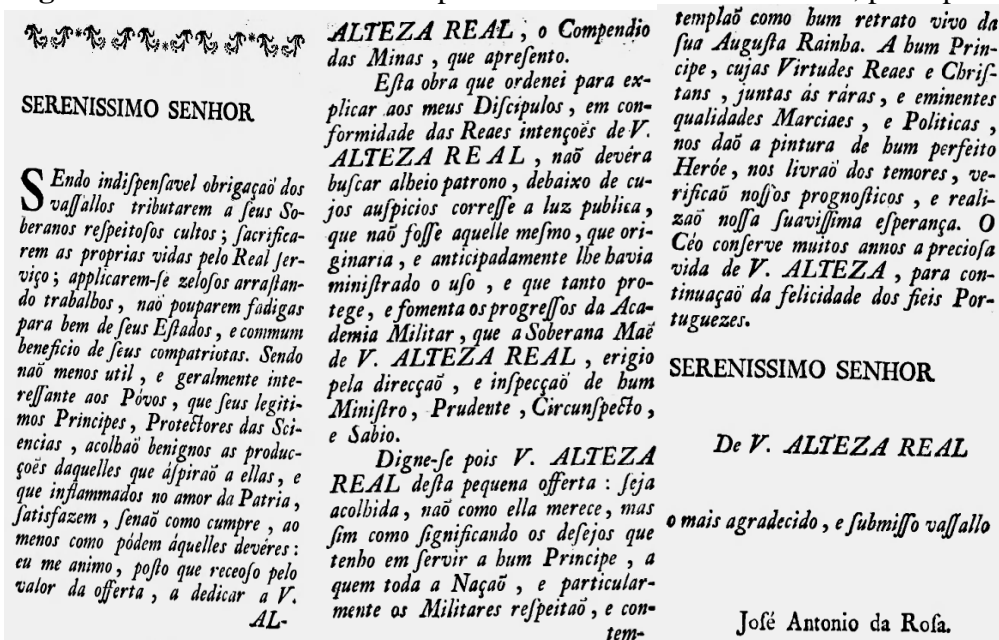
<sup>4</sup> ROSA, José Antonio da. *Compendio das minas, dedicado ao serenissimo senhor D. João, principe do Brazil*. Lisboa [Portugal]: Offic. de João Antonio da Silva, 1791. [3] f. 268 [6] p., 10 tab. (desd.) 15 est. (desd.), 21 cm. Disponível em: [http://objdigital.bn.br/objdigital2/acervo\\_digital/div\\_obrasraras/bndigital1816/bndigital1816.pdf](http://objdigital.bn.br/objdigital2/acervo_digital/div_obrasraras/bndigital1816/bndigital1816.pdf). Acesso em: 19 out. 2021.

**Figura 2** - Folha de rosto do livro “Compendio das minas, dedicado ao serenissimo senhor D. João, principe do Brazil”



Fonte: Biblioteca Nacional do Brasil.

**Figura 3** - Dedicatória oferecida por frei Luiz de Souza a D. João, príncipe do Brasil.



Fonte: Biblioteca Nacional do Brasil.

Fotobibliografia da folha que sucede imediatamente a folha de rosto do livro “Compendio das minas, dedicado ao serenissimo senhor D. João, príncipe do Brazil”

SERENISSIMO SENHOR // Sendo indispensável obrigação dos // vassallos tributarem a seus Soberanos respeitosa cultos; sacrificarem as próprias vidas pelo Real serviço; applicarem-se zelosos arrastando trabalhos, não pouparem fadigas // para o bem dos seus Estados, e commum // beneficios de seus compatriotas. Sendo // não menos útil, e geralmente interessante aos Povos que seus legitimos Principes, Protectores das Sciencias acolhaõ benignos as produções daquelles áspirão a ellas e, // inflammados no amor da Patria, // satisfazem, senão como cumpre, ao // menos como pôdem áquelles devêres: // eu me animo, posto que receoso pelo // valor da offerta, a dedicar a V. AL // ALETEZA REAL, o Compendio // das Minas que apresento. // Esta obra que ordenei para explicar aos meus Discipulos, em conformidade das Reaes intenções de V. ALTEZA REAL, não devêra // buscar alheio patrono, debaixo de cujos auspicios corresse a luz publica, // que não fosse aquelle mesmo, que originaria, e anticipadamente lhe havia // ministrado o uso, e que tanto protege, e fomenta os progressos da Academia Militar, que a Soberana Mãe // de V. ALTEZA REAL, erigio // pela direcção, e inspecção de hum // Ministro, Prudente, Circunspecto, // e Sabio. // Dignise-se pois V. ALTEZA // REAL desta pequena offerta: seja // acolhida, não como ella merece, mas // fim como significando os desejos que // tenho em servir a hum Principe, a // quem toda Nação, e particularmente os Militares respeitão, e contem- // plaõ como hum retrato vivo da // sua Augusta Rainha. A hum Principe, cujas Virtudes Reaes Christãs, juntas as raras, e eminentes // qualidades Marciaes, e Politicas, // nos daõ a pintura de hum perfeito // Herõe, nos livraõ dos temores, verificação nossos prognosticos, e realização nossa suavissima esperança. // O // céu conserve muitos annos a preciosa // vida de V. ALTEZA, para continuação da felicidade de seus fieis Portuguezes. // SERENISSIMO SENHOR // De V. ALTEZA REAL // o mais agradecido, e submisso vassallo // José Antonio da Rosa.

O texto da dedicatória impressa, que se inscreve em uma variedade de gêneros e formas literárias, assumia um caráter laudatório, que objetivava confirmar a subserviência e a lealdade do autor em relação ao soberano. Ilustrava, para o leitor, o quanto o autor dependia dos favores e privilégios reais.

O senhor nos facilitou os conhecimentos (da arte do teatro), pois nós não precisamos mais de outro estudo para adquiri-los, senão fixar os olhos em Vossa Eminência, quando honra com sua presença e sua atenção o relato de nossos poemas. É aí que lendo em seu rosto o que lhe agrada e o que não lhe agrada, nós nos instruímos com segurança sobre o que é bom, e sobre o que é mau, e deduzimos regras infalíveis a respeito do que é preciso seguir, do que é preciso evitar (CORNEILLE apud CHARTIER, 2000, p. 195).

A prática de dedicar representava a melhor maneira de conquistar a benevolência real – era um gesto cultural, carregado de um complexo jogo simbólico, pautado nas obrigações de oferecer, receber e retribuir a homenagem, uma forma de assegurar prestígio e autoridade. Essa espécie de “contrato social” é descrito por Marcel Mauss em “Ensaio sobre a dádiva”. No livro, o antropólogo francês salienta as pressões morais inerentes à expectativa da retribuição da dádiva, que no nosso caso é a dedicatória. Assim, o ato de ofertar não é gratuito, reflete interesses do dedicador, que mediante a homenagem espera conquistar privilégios. O soberano se sente na obrigação de retribuir o “dom” ofertado, pois caso o contrário poderia correr o risco de ter sua imagem arranhada e ser percebido por seus súditos como insensível, arrogante e ingrato.

Logo, a dedicatória pode ser compreendida como um gesto baseado na teoria da reciprocidade, pois responde a uma necessidade social e cultural tanto daquele que homenageia como do homenageado. A dedicatória pode ser caracterizada, dessa forma, como uma relação de interdependência que tenta combinar amizade, admiração, respeito e interesses, pois por intermédio dela o autor pode constituir, reforçar ou forjar laços e relações de sociabilidade com o rei – o que poderia representar um aumento de prestígio e, por conseguinte, de *status* pessoal, social e profissional para o dedicador.

Com a dedicatória, o rei confirmava sua autoridade e sua imagem de homem ilustrado e culto, ganhava ou reforçava a lealdade do dedicador e ao retribuir o “favor” passava a imagem de homem gentil e benevolente para seus súditos, obtendo, assim, o respeito e a admiração de todos.

A dedicatória pode forjar um caráter voluntário e gratuito; se liga, conforme as ideias de Mauss, ao formalismo, à mentira social, à busca pela existência social e ao interesse econômico por parte do dedicador. A dedicatória adentra no complexo e envolvente mundo das relações sociais, onde a troca e a espontaneidade do gesto confundem-se com a obrigação de retribuir e com o sentimento de contemplação ante a gratidão pelo que foi recebido e sacralizado.

## 2 A DEDICATÓRIA MANUSCRITA

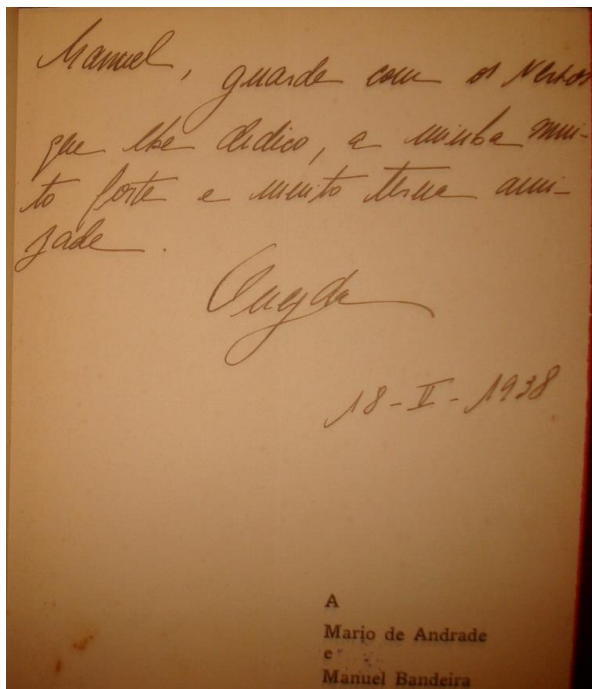
Em meados do século XIX, os longos textos elogiosos e laudatórios impressos como “dedicatórias” começaram a dar cada vez mais lugar a pequenos escritos, direcionados a pessoas mais íntimas. A “bajulação real” passaria a ceder lugar para homenagens despreziosas, demonstrações de admiração profissional ou pessoal, afeto ou gratidão por dívida intelectual e cortesia para um amigo ou familiar. Contudo, as dedicatórias ainda servem como veículo para obtenção de respeito ou de favores do dedicatário.

Com a maior aproximação do dedicador com o dedicatário, a dedicatória se transformou em uma ferramenta capaz de revelar enlaces que podem favorecer o estudo da personalidade, do talento e da história tanto daquele que a elabora, quanto de quem a recebe.

A dedicatória manuscrita assumiu relevância no século XIX e se diferencia da impressa por ser um escrito geralmente presente apenas na obra do dedicatário, o que confere ao exemplar uma identidade única. A incidência da dedicatória manuscrita não significa o desaparecimento da impressa, que figura nas obras publicadas na atualidade. Enquanto a dedicatória impressa, de modo geral, apresenta um texto quase que protocolar, a manuscrita pode ser, por exemplo, uma poesia, uma pequena obra literária inserida no começo da obra propriamente dita. Na imagem a seguir, um exemplo de como os dois tipos de dedicatória podem conviver na mesma página de um livro. A dedicatória impressa resume-se a homenagear os autores Mario de Andrade e Manuel Bandeira; a manuscrita tenta traduzir em palavras uma relação de amizade, conforme mostra a **figura 4**.



**Figura 4** - Dedicatória de Oneyda Alvarenga a Manuel Bandeira



Fotobibliografia: Manuel, guarde com os versos que lhe dedico, minha mui // to forte e muito tenra ami- // zade. // Oneyda // 18-V-1938.

No pé da página a dedicatória impressa: A // Mario de Andrade // e // Manuel Bandeira.

Fonte: Biblioteca de Manuel Bandeira<sup>5</sup>. ABL.

Outra diferença entre os dois tipos de dedicatórias é que a impressa pode ser feita em memória de alguém já falecido, enquanto a manuscrita é feita diretamente para quem irá receber a obra. Além disso, a dedicatória manuscrita pode ser elaborada por alguém que não seja o autor da obra, uma pessoa que presenteia outra com um livro e deseja escrever uma pequena manifestação de afeto ou gratidão.

É importante não confundir dedicatória manuscrita com autógrafo. O autógrafo é originário da palavra grega *autógraphos*, que significa documento redigido pelo próprio punho; ou assinatura (FERREIRA, 1998, p. 1108). O autógrafo, como conhecemos, nada mais é que a assinatura de alguém famoso. É algo impessoal que apenas indica um contato superficial de um fã com seu ídolo. Por sua vez, a dedicatória, principalmente a manuscrita, é capaz de transformar o exemplar dedicado em um repositório de verdadeiros textos literais, conforme a relação do dedicador com o dedicatário.

Para os livreiros e bibliófilos, as dedicatórias manuscritas geralmente só apresentam alguma espécie de valor quando elaboradas por personalidades, autoridade políticas ou de alguma área de conhecimento ou arte. Segundo Moraes (2005), exemplares que possuem

<sup>5</sup> ALVARENGA, Oneyda. *A Menina boba*. São Paulo: Emp. da Graf. dos Tribunais, 1938.

dedicatórias manuscritas, assinaturas e anotações de desconhecidos se tornam “defeituosos, repelidos pelos bibliófilos”.

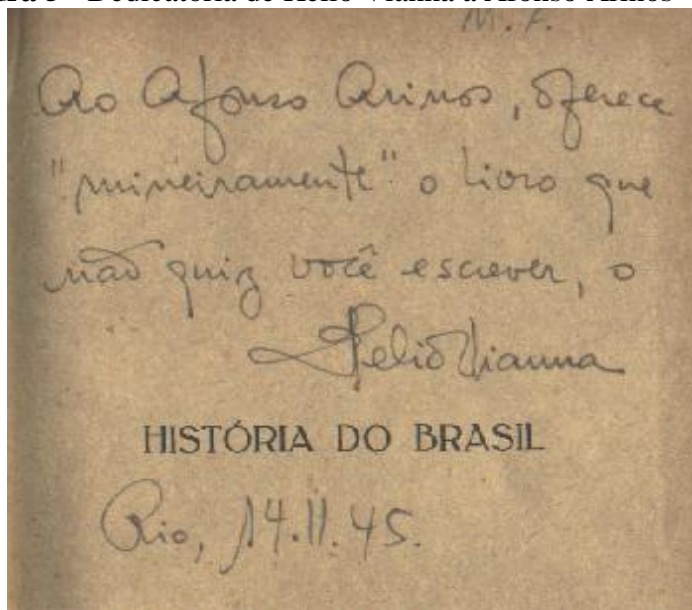
Mário de Andrade era um bibliófilo requintado. Quando recebia um livro com dedicatória de um autor conhecido, guardava-o tal qual o recebera, sem abrir as folhas. Comprava outro exemplar e, nesse sim, fazia as anotações que desejava, riscava trechos, sublinhava palavras, enchia as margens de comentários. Não imaginava que suas anotações poderiam ter um imenso valor para o estudo de sua personalidade de crítico (MORAES, 2005, p. 86).

A dedicatória manuscrita pode ter a forma de carta ou nota que se coloca no início de uma obra dirigida à pessoa a quem se dedica e pode ser redigida em prosa ou em verso. A dedicatória é quase sempre disposta na folha de guarda (folhas brancas que precedem a falsa folha de rosto), ou na falsa folha de rosto do livro (título impresso no meio da página que precede imediatamente a folha de rosto), portanto, normalmente é um dos primeiros contatos que o leitor tem com o exemplar.

Independentemente de seu conteúdo, as dedicatórias manuscritas apresentam uma estrutura formal, composta por elementos de ocorrência comum:

- a) As preposições “à”, “ao”, “de” e “para” – usadas pelo dedicador no início do texto. As preposições “à” e “ao” ajudam o leitor a identificar de imediato o gênero do dedicatário;

**Figura 5** - Dedicatória de Helio Vianna a Afonso Arinos

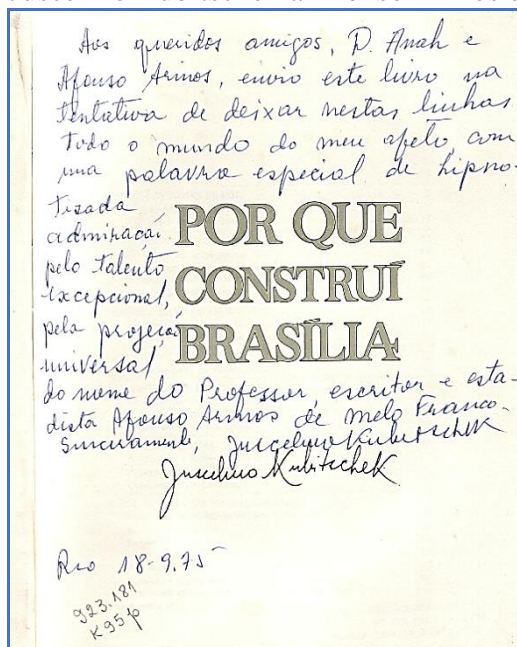


Fonte: Biblioteca de Afonso Arinos. PGM-RJ.

Fotobibliografia: Ao Afonso Arinos // oferece // “mineiramente” o livro que // não quis você escrever, o // Helio Vianna // Rio, 14.11.45.

- b) A declaração de afetividade usada pelo dedicador, logo após as preposições. Exemplos: querido, meu amigo, prezado professor;

**Figura 6** - Dedicatória de Juscelino Kubitschek a Afonso Arinos e sua esposa, Anah.

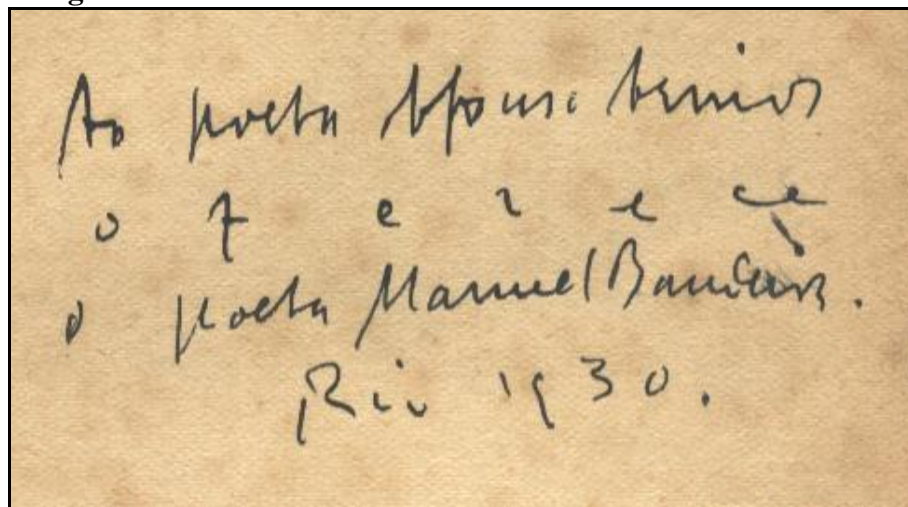


Fonte: Biblioteca de Afonso Arinos. PGM-RJ.

Fotobibliografia: Aos queridos amigos, D. Anah e // Afonso Arinos, envio este livro na // tentativa de deixar nestas linhas // todo o mundo do meu afeto, com // uma palavra especial de hipno-//tizada // admiração // pelo talento // excepcional, // pela projeção // universal // do nome do Professor, escritor e esta- // dista Afonso Arinos de Melo Franco // Sinceramente, Juscelino Kubitschek [caneta azul] // Juscelino Kubitschek [caneta preta] // Rio 18-9.75.

- c) A palavra “oferece”, como fechamento do texto;

**Figura 7** - Dedicatória de Manuel Bandeira a Afonso Arinos

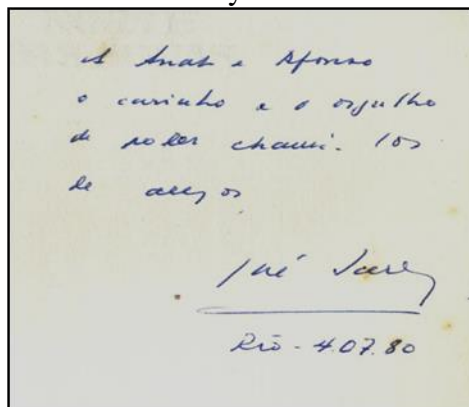


Fonte: Biblioteca de Afonso Arinos. ABL.

Fotobibliografia: Ao poeta Afonso Arinos // oferece // o poeta Manuel Bandeira. // Rio 1930.

- d) A data da emissão do registro manuscrito, que aparece no final do texto;

**Figura 8** - Dedicatória de José Sarney a Afonso Arinos e sua esposa, Anah.

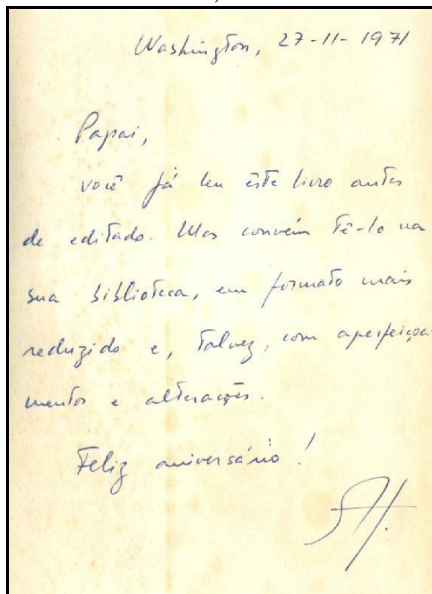


Fonte: Biblioteca de Afonso Arinos. PGM-RJ.

Fotobibliografia: A Anah e Afonso // o carinho e o orgulho // de poder chamá-los // de amigos // José Sarney // Rio - 4.07.80

e) a assinatura ou rubrica do dedicador, encerrando a dedicatória.

**Figura 9** - Dedicatória Afonso, filho de Afonso Arinos, ao pai.



Fonte: Biblioteca de Afonso Arinos. PGM-RJ.

Fotobibliografia: Papai, // você já leu este livro antes // de editado. Mas convém tê-lo na // sua biblioteca, em formato mais // reduzido e, talvez, com aperfeiçoamento e alterações. // Feliz aniversário! // Af.

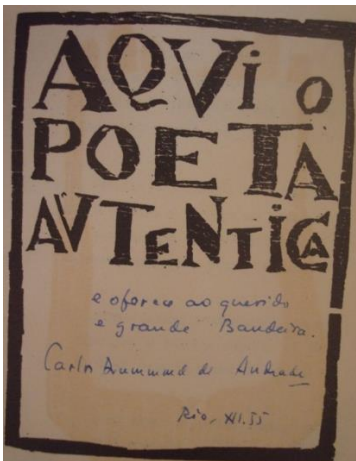
Esses elementos contribuem para a configuração de um padrão estrutural de dedicatória, viabilizando sua identificação e distinção de outras anotações manuscritas. Os itens acima representam uma rica marca de proveniência do livro. Há a identificação da procedência (o dedicador), do destino (o dedicatário), e do itinerário (data e local) do livro. Essas informações, segundo Moraes (2005), atribuem ao exemplar uma personalidade.

Alguns [exemplares] têm uma verdadeira genealogia, sabe-se de onde vieram, por que mãos passaram e onde se encontram hoje no momento. [...] São, geralmente, peças que pertenceram ao próprio autor ou fizeram parte da coleção de algum personagem. Esses exemplares privilegiados, esses livros de sangue azul, enobrecem uma biblioteca. A procedência de um livro é, portanto, muito importante para o colecionador (MORAES, 2005, p. 85).

A dedicatória pode instigar o leitor tanto no que concerne ao conteúdo do livro, quanto deixá-lo curioso sobre as relações do dedicador com o dedicatário. Para o historiador, a dedicatória manuscrita deve ser compreendida como uma importante ferramenta capaz de desvendar relações sociais. A incidência de uma dedicatória em uma determinada obra pode atribuir-lhe um valor documental singular.

A dedicatória manuscrita como informação deve ser documentada, mediante transcrição do original, procedimento de salvaguarda essencial em acervo de memória. Cabe ao historiador, bibliófilo e bibliotecário enxergar as dedicatórias manuscritas como ricas fontes para analisar seu objeto de estudo. Os bibliotecários e historiadores devem dar uma maior atenção a esses registros, até então pouco explorados, apesar de cada vez mais numerosos e significativos. No século XX, a dedicatória manuscrita se tornou um hábito entre os autores e aqueles que presenteiam alguém com um livro. Tal costume é evidenciado em uma página do livro “Sôneto da buquinagem”, na qual Carlos Drummond de Andrade “dedica” um espaço para as dedicatórias.

**Figura 10** - Dedicatória de Carlos Drummond a Manuel Bandeira.



Fonte: Biblioteca de Manuel Bandeira<sup>6</sup>. ABL.

Fotobibliografia: Aqui // o poeta // autentica [texto impresso] // e oferece ao querido e grande Bandeira. // Carlos Drummond de Andrade // Rio, XII. 55.

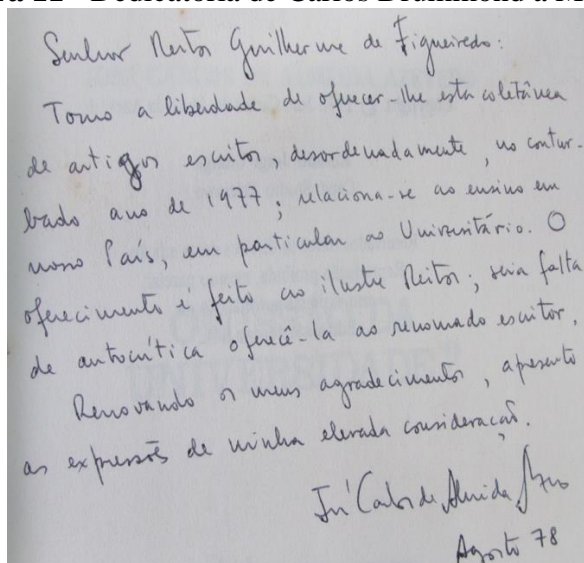
Drummond tinha um carinho especial pelas dedicatórias e as enxergava como potenciais fontes de poesia. O autor tinha o hábito de reunir as dedicatórias manuscritas de sua autoria em um caderno. O resultado desta coleção está no livro “Versos de circunstância”, que reúne poemas “de ocasião”, como homenagens, votos de boas-festas e dedicatórias. O livro em questão ilustra, por intermédio dessas poesias, as relações de Drummond com outros escritores e personalidades da época, como Manuel Bandeira. A obra é um exemplo de como a análise das dedicatórias manuscritas pode auxiliar a reconstrução de redes de sociabilidade.

As dedicatórias manuscritas desempenham não apenas um papel político, mas um modo de sociabilidade capaz de criar e reforçar laços sociais, culturais e até profissionais. Na **figura 11**, temos uma dedicatória manuscrita escrita pelo ex-reitor da Universidade de

<sup>6</sup> ANDRADE, Carlos Drummond de. *Sôneto da buquinagem*. Rio de Janeiro: Philobiblion, 1955.

Brasília, Jose Carlos de Almeida Azevedo, este, por sua vez, dedicou o livro “Omissão da universidade?” ao ex-reitor da então Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Guilherme Figueiredo. A dedicatória manuscrita em questão, foi oferecida a figura de reitor representada na época por Figueiredo e não ao “Guilherme amigo”. Trata-se de uma dedicatória profissional oferecida pela “força do ofício”, portanto, uma dedicatória profissional de relação de poder.

**Figura 11** - Dedicatória de Carlos Drummond a Manuel Bandeira.



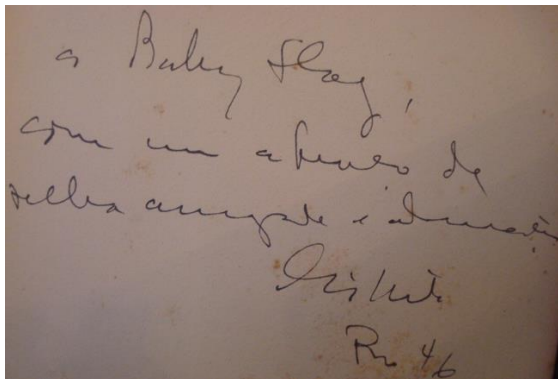
Fonte: Biblioteca Guilherme Figueiredo<sup>7</sup>. UNIRIO.

Fotobibliografia: Senhor Reitor Guilherme de Figueiredo: // Tomo a liberdade de oferecer-lhe esta coletânea // de artigos escritos, desordenadamente, no contur-//bado ano de 1977; relaciona-se ao ensino em // nosso País, em particular ao Universitário. O // oferecimento é feito ao ilustre Reitor; seria falta // de autocrítica oferecê-la ao renomado escritor. // Renovando os meus agradecimentos, apresento // as expressões de minha elevada consideração. // José Carlos de Almeida Azevedo // Agosto 78

As dedicatórias manuscritas podem ser usadas para demonstrar afeto, gratidão, respeito e reciprocidade entre as pessoas. Gilberto Freyre ofereceu sua obra “Modernidade e modernismo na arte política” a Manuel Bandeira. O texto da dedicatória expõe, conforme se vê na **figura 12**, uma relação mais íntima de amizade, a ponto de Freyre se dirigir a Bandeira como “Baby Flag”. Em outra dedicatória (**figura 13**) o antropólogo fez uma brincadeira com o sobrenome do amigo, ao substituí-lo por um desenho do pavilhão nacional.

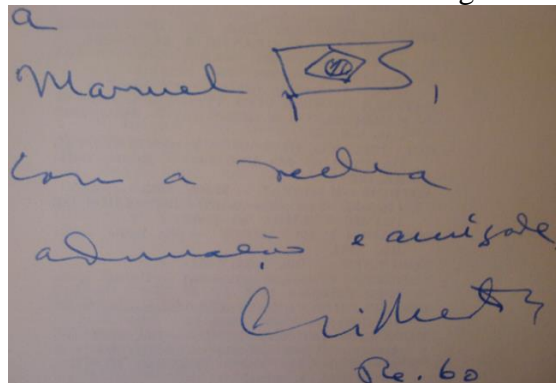
<sup>7</sup> AZEVEDO, Jose Carlos de Almeida. *Omissão da universidade?* [Rio de Janeiro]: Artenova, 1978.

**Figura 12** - Dedicatória de Gilberto Freyre para Manuel Bandeira na qual Bandeira é carinhosamente chamado de “Baby Flag”



Fonte: Biblioteca de Manuel Bandeira<sup>8</sup>. ABL.  
Fotobibliografia: a Baby Flag, // com um abraço do // velho amigo e admirador // Gilberto // Rio 46

**Figura 13** - Dedicatória de Gilberto Freyre para Manuel Bandeira na qual o antropólogo faz uma brincadeira em forma de desenho com o sobrenome de seu amigo



Fonte: Biblioteca de Manuel Bandeira<sup>9</sup>. ABL.  
Fotobibliografia: A // Manuel [desenho da bandeira], // com a velha // admiração e amizade // Gilberto // RJ, 60

Muitas vezes, Gilberto Freyre escrevia dedicatórias se dirigindo a Manuel Bandeira como “querido” o que o deixava muito satisfeito. Em carta enviada a Geraldo Barroso do Amaral, em junho de 1927, Bandeira se gabava de ter sido chamado de “querido” na dedicatória feita por Gilberto Freyre, enquanto outros dois amigos em comum foram adjetivados de “caros”. Tal distinção pode revelar o grau de amizade entre os dois pernambucanos e, também, que havia uma espécie de “disputa” pelo termo inicial de uma dedicatória. Ser chamado de “caro”, “prezado”, “querido” ou simplesmente receber um “a” ou “ao” poderia indicar níveis diferentes de amizade e respeito, ou, então, ser um simples motivo de pilhérias entre amigos. Interpretações a parte, a carta demonstra a importância que Manuel Bandeira dava as dedicatórias.

Já entreguei os cinco exemplares do Rodrigo e do Dodô. A este fiz sentir a nuance das dedicatórias, - sem falar na minha. Quando este estava todo fogueiro por ter ganhado o “caro”, eu mostrei que meu pedaço era maior porque era “querido”. Ficou safado. Disse que não aceitava o “caro”, que também queria o “querido”. Que eu ganhei o “querido” porque fui a Pernambuco, mas ele também havia de ir ao Recife (MORELI, 2007, p. 201, 202).

<sup>8</sup> MODERNIDADE e modernismo na arte política: "Conferência lida no Teatro Municipal de São Paulo, na tarde de 22 de junho de 1946, a convite do Centro Acadêmico XI de Agosto", da Faculdade de Direito. Gilberto Freyre. São Paulo: [s.n.], 1946. 46 p., 24 cm.

<sup>9</sup> FREYRE, Gilberto; ARBOUSSE-BASTIDE, Paul (coautor). *Um Engenheiro francês no Brasil*. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1960. 2 v. (Obras reunidas de Gilberto Freyre).



Cabe lembrar que as dedicatórias manuscritas podem forjar relações pessoais, portanto, é preciso ter um olhar crítico no processo de análise das dedicatórias, uma vez que elas geralmente apresentam um tom laudatório e utilizam uma retórica elogiosa.

### 3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A trajetória da dedicatória é um reflexo da história e da evolução do livro manuscrito para o impresso. A transição da imagem do autor oferecendo seu livro para o rei, para o texto impresso no início da obra e, finalmente, para a dedicatória manuscrita está associada à mudança de regimes políticos, à revolução industrial e ao chamado “capitalismo de imprensa” (ANDERSON, 2008).

A dedicatória deixou de ser um ato de submissão do súdito perante o rei para ser um ato de “submissão”, carinho e consideração de um cidadão perante um ente querido ou autoridade literária. Contudo, as dedicatórias manuscritas também são utilizadas para estabelecer e/ou forjar relações de sociabilidade. A outrora demonstração de submissão e pedido de proteção foi aos poucos substituída por declarações de amor, afeto, carinho, amizade, respeito e admiração. As atuais “cartas manuscritas no início de livros” são documentos; são marcas de proveniência que além de desvelar as relações entre dedicador e dedicatário, são capazes de revelar o itinerário dos livros, portanto, devem ser melhor analisadas e inseridas em bases de dados por bibliotecários.

A dedicatória oferece ao exemplar – não à obra - uma identidade única com um valor insubstituível, “conforme a personalidade famosa ou importante que a escreveu” (PINHEIRO, 1989, p. 32). Além disso, a dedicatória evoca reminiscências, portanto, não devemos subestimar as dedicatórias de agentes “desconhecidos” pois somos parte da memória de alguém e integrantes da história.

A afirmação de que “muito tesouro é salvo” nas bibliotecas particulares passa a ter outro significado quando se leva em conta as dedicatórias nelas presentes. A dedicatória manuscrita é um veículo de comunicação que oferece pistas sobre os leitores que se formam em torno de uma determinada personalidade.

## REFERÊNCIAS

- ANDERSON, Benedict. *Comunidades Imaginadas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.
- ANDRADE, Carlos Drummond. *Versos de circunstância*. Organização Eucanaã Ferraz. São Paulo: IMS, 2011. 285 p.
- CARR, Edward Hallet. *Vinte anos de crise: 1919-1939, uma introdução ao estudo das Relações Internacionais*. Trad. de Luiz Alberto Figueiredo Machado. 2ª ed. Brasília, DF: Universidade de Brasília, 2001.
- CHARTIER, Roger. *A Aventura do Livro: do leitor ao navegador*. Trad. por Reginaldo de Moraes. São Paulo: Unesp, 1999.
- CHARTIER, Roger. O príncipe, a biblioteca e a dedicatória. In: BARATIN, Marc; JACOB, Christian (Orgs). *O Poder das bibliotecas: a memória dos livros no Ocidente*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2000. p. 182-199.
- CHARTIER, Roger. *A História Cultural*. Rio de Janeiro: Bertrand, 1990.
- CHARTIER, Roger. *A Ordem dos Livros: Leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII*. Trad. por Mary Del Priore. Brasília: UnB, 1994.
- COSTA, Américo de Oliveira. As dedicatórias exemplares. In: COSTA, Américo de Oliveira. *A Biblioteca e seus habitantes: (painéis, montagens, slides)*. 2. ed. Rio de Janeiro: Achiamé: Fundação José Augusto, 1982. p. 173-180.
- DELMAS, Ana Carolina Galante. “Do mais fiel e humilde vassalo”: uma análise das dedicatórias impressas no Brasil Joanino. 2008. 295f. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Estadual do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro. 2008.
- FARIA, Maria Isabel; PERICÃO Maria da Graça. *Dicionário do livro: da escrita ao livro eletrônico*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008.
- FEBVRE, Lucien; MARTIN, Henri. *O Aparecimento do livro*. São Paulo: Ed. da UNESP; HUCITEC, 1992.
- FERREIRA, Tânia Maria Bessone. A Biblioteca de Rui Barbosa no palácio dos livros. In: FUNDAÇÃO CASA DE RUI BARBOSA. *Catálogo da biblioteca de Rui Barbosa*. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 2007. p. 28-50.
- FERREIRA, Tânia Maria Bessone. *Palácio de destinos cruzados: bibliotecas, homens e livros, Rio de Janeiro (1870-1920)*. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 1999.
- FREIRE, Stefanie Cavalcanti. *As Dedicatórias manuscritas: relações de poder, afeto e sociabilidade na biblioteca de Manuel Bandeira*. 2013. 406f. Dissertação. (Mestrado em

História) – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2013.

LE GOFF, Jacques. *História e memória*. Campinas, SP: UNICAMP, 1990.

MAUSS, Marcel. *Sociologia e antropologia*. São Paulo: Cosac & Naify, 2003.

MORAES, Rubens Borba de. *O Bibliófilo aprendiz: prosa de um velho colecionador para ser lida por quem gosta de livros, mas pode também servir de pequeno guia aos que desejam formar uma coleção de obras raras, antigas ou modernas*. 4. ed. Brasília, DF: Briquet de Lemos/Livros: Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2005.

MORELI, Silvana Vicente. *Cartas provincianas: correspondência entre Gilberto Freyre e Manuel Bandeira*. 2007. 590 f. Tese (Doutorado em Letras) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade São Paulo, São Paulo, 2007.

PINHEIRO, Ana Virginia. *Inventário de acervo antigo: (metodologia)*. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, 2007a. Disponível em:  
<http://catalogos.bn.br/planor/documentos/ARTIGOS/inventarioacervoantigoanavirginia.pdf>.  
Acesso em: 12 abr. 2012.

PINHEIRO, Ana Virginia. *Que é livro raro?: uma metodologia para o estabelecimento de critérios de raridade bibliográfica*. Rio de Janeiro: Presença Edições; Brasília: INL, 1989.

SIRINELLI, Jean-François. Os Intelectuais. In: RÉMOND, René (org.). *Por uma história política*. 2. ed. Rio de Janeiro: Ed. da FGV, 2003, p. 231-269.